GLAUCY ARANHA: Ah, de ônibus dá 05 horas, 04 horas e meia.

ENTREVISTADORA: Dia 02 de junho de 2017. A Comissão da Verdade de Minas Gerais está aqui no estúdio de televisão da FUMEC para gravar o depoimento de Glaucy Maria Aranha de Moraes, filha de Flávio Ferreira da Silva para as Comissões 01 e 06 da Covemg. Boa tarde Glaucy.

GLAUCY ARANHA: Boa tarde.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Glaucy, é um prazer ter você aqui.

GLAUCY ARANHA: Prazer todo meu.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Em nome da Covemg gostaria de agradecer sua disposição, disponibilidade e vir aqui contribuir com o trabalho e resgate da memória, da verdade, da justiça a respeito de todas as atrocidades que aconteceram nesse país e especialmente em Minas Gerais, nos anos da ditadura militar. É, estamos estudando a comissão 01 que trata de mortes e desaparecimentos dos militantes e outras pessoas durante a ditadura em Minas Gerais, no território mineiro. Nós identificamos o nome de Flávio Ferreira da Silva, jornalista, foi prefeito de Três Marias em 1963.

GLAUCY ARANHA: Uhum.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: E que morreu em circunstâncias ainda não totalmente esclarecidas em 74.

GLAUCY ARANHA: E 05.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: E 05. Então nosso depoimento, o depoimento dessa comissão vai versar sobre isso. A primeira abordagem é sobre o que você sabe da vida profissional e política do seu pai.

GLAUCY ARANHA: Uhum. Olhando pra cá?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: É.

GLAUCY ARANHA: Bom, o que eu sei da vida do meu pai, é, ele era jornalista. Sei que amava a política, que ele se, quando jornalista ainda foi premiado ou em parceria. Eu não me recordo o nome do colega de trabalho dele. Eles fizeram um trabalho, que ganharam o Prêmio Esso de

Jornalismo, e ele foi convidado até para ir pra fora, se não me engano no México fazer alguns trabalhos lá. Ele não quis ir, ele se o desejo dele era ir para o caminho da política. Aí foi na cidade Corinto, perdeu. Foi para Três Marias que era na época recém-emancipada, foi distrito de Corinto e lá ele foi eleito o 1º prefeito do município. E até que foi cassado na época da, do golpe militar. Era muito atuante, um pai assim, eu via como meu pai mas um profissional muito atuante, muitas viagens, muito trabalho e muito preocupado com os filhos assim para a leitura, para estudo. O que eu me lembro do meu pai era isso aí.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: E o que você lembra da convivência com ele? Da sua convivência com ele e a de seus irmãos com ele?

GLAUCY ARANHA: Muito próximo, muito próxima a convivência. Era muito presente, era um pai muito presente e como eu disse, muitas viagens. Ele tinha um jornal que era chamado de porta-voz dos Municípios e a gente viajava muito com ele. Muito presente. De chegar, tirar assim, tirar o sapato, pentear o cabelo dele. Era muito presente mesmo. De ensinar tarefa, estudo, sair aqui na cidade para ensinar o caminho de ir para a escola. Mostrava as novidades não é? Naquela época cachorro quente era novidade. Ah, vamos lá conhecer o quê que é. O suco tal, casa de sucos, isso tudo era novidade. Restaurante self-service. Ele queria mostrar essas coisas aí. Muito amigo, ele gostava muito de visitar seus amigos também.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: O nome desse jornal que você citou? Qual é?

GLAUCY ARANHA: Porta-voz dos Municípios.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Porta-voz dos Municípios, você tem ideia se era editado aqui em Belo Horizonte?

GLAUCY ARANHA: Acredito, era aqui, eu acho que era aqui. Era colorido, muito bonito. Trazia muitas reportagens de vários municípios lá da minha cidade, quer dizer, lá de Várzea da Palma, cidade que eu fui criada e outros municípios que a gente visitava e tinha um outro também, era Polícia e Ação. Polícia e Ação. Além dos jornais que ele trabalhava aqui que era Estado de Minas, Diário da Tarde, trabalhou.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Você lembra do seu pai doente? Indo ao médico? Tomando medicamentos?

GLAUCY ARANHA: Não. Me lembro dele fazendo exames de sangue, rotina, exame de rotina de sangue.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: e o que você se lembra das circunstâncias da morte de seu pai?

GLAUCY ARANHA: Me lembro, um dia, me lembro muito do domingo, no domingo ele, é por isso que eu falo, nunca, eu acho que eu vou assim, passar por essa vida sem saber da certeza do que aconteceu. Porque no domingo, ele me chamou e me perguntou onde eu queria almoçar, onde eu queria passear, onde eu queria almoçar. E eu falei que era até num restaurante, falei com Helena hoje, restaurante na Afonso Pena, ele, nós fomos lá e ele falou que ia fazer uma viagem. Ele falou que ia fazer uma viagem e que não ia nos levar. Ainda eu reclamei na hora, falei assim, mas, não é? Aquela coisa, era muito apegada a ele, ah, mas eu quero. Não. Vocês não vão não. E foi um domingo normal, nós saímos, voltamos. A parte da tarde não me recordo muito bem desse domingo. À noite normal, a gente sentava na sala para assistir até foto assim, quando a gente assistia assim era o Fantástico passando na tv. E eu me lembro ele batendo a máquina. Ele parece, não sei se foi na noite mesmo, mas ele digitava sempre com a máquina de escrever e a minha mãe em casa. É, não lembro de discussão nesse dia não. No domingo assim, mas lembro que eles, um tempinho atrás assim eles não estavam muito bem. E aí dormimos normal à noite. Na segunda-feira acordo com o sol batendo na janela e ele que me levava para a escola. Uai, acordei assustada, meu pai não me acordou, o quê que aconteceu? Aí já preocupada com o horário da escola, entrei e fui para o quarto deles. Abri a porta do quarto e me deparei com a cena. Fiquei assustada. Eu de imediato, eu abri a porta e senti um cheiro forte do sangue, até quando várias vezes que eu entrei nessa casa, eu sentia esse odor bem forte. Fiquei na porta assustada. Mas eu não tinha noção não é? O quê que era a morte, alguma coisa assim. Vi ele deitado de barriga para cima. Me choquei. Sempre falo isso, que eu vi de cueca. E o braço, esse braço esquerdo era a posição assim, a porta aqui, a posição da cama, o braço caído, uma arma na mão e minha mãe do lado de bruços. Aí foi esse tempo, eu acho que não foi demorado, porque a moça logo chegou e falou assim, é, Glaucy, o quê que você está fazendo aí que você não foi pra escola? Aí eu falei assim, como que eu vou para a escola com meu pai desse jeito. Me lembro que eu respondi dessa forma? Só isso. Ela chegou na porta do quarto e eu me lembro que ela falou, Oh Jesus, alguma coisa assim e aí ela já nos tirou e eu sabia que era algo muito grave. Até um tio meu chegou na casa de uma senhora que nos acolheu no dia e falou, não olha, eles

não morreram, cadê meu pai, eu perguntando. Falei, eles não morreram, eles estão machucados. Mas eles não morreram. E eles estão machucados. Eu achei isso, não achei isso, não sei, minha Cabeça não. Eu me lembro assim tudo, eu lembro triste, alguém conversando comigo. Falando, falei assim, mas é meu pai e minha mãe. E fiquei com aquela confusão. Durante muito tempo eu procurava por minha mãe. Eu via mulheres parecidas com ela e achava que era ela ainda viva. Não conseguia assimilar essa coisa da morte.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Você se lembra como sua mãe estava na cama naquele dia, naquela hora?

GLAUCY ARANHA: Ela estava parece que de bruços, de bruços. Não me lembro do travesseiro muito bem, se estava sobre a cabeça dela. Se ela estava de, não me lembro do rosto dela. Parece que era de, deitada de barriga para baixo e o travesseiro. Parece que o travesseiro estava assim sobre a cabeça, alguma coisa assim, não me lembro de ver o rosto da minha mãe não.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Que roupa que ela vestia?

GLAUCY ARANHA: Uma camisola, parece uma camisola marrom. Uma camisola marrom.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Você lembra de mais algum detalhe...

GLAUCY ARANHA: Camisola.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: ...da cena do quarto, colchas, alguma coisa no chão?

GLAUCY ARANHA: Sangue. Não me lembro de colcha assim no chão, roupa. Eu não saí da porta do quarto. Não me lembro. Lembro só um odor muito forte e muito forte. Eu não me esqueço desse cheiro que eu senti. Desse odor que eu senti e sangue. Muito sangue.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Glaucy. O depoimento, uma coisa que te incomoda muito é o depoimento que a empregada na ocasião deu, que diverge muito dessa descrição que você faz. Porque ela diz que chegou à parte íntima da casa, ou seja, a parte que liga a sala à cozinha estava trancada e ela diz que esperou um pouco para ver se alguém acordava, como ninguém acordava ela chama por vocês, chama por sua mãe e depois, e aí você teria sido acordada por ela e aí que você vem e abre a porta. A pergunta que eu faço é a seguinte. Por quê que essa mulher, qual que é a intenção? Era uma menina de 16, a gente fala de uma mulher, mas era uma menina de 16 anos, que tinha vindo do interior para trabalhar como empregada doméstica e como

pergunto, esse depoimento dela é dado, logo após aos fatos não é? E mas, qual que era, você acha da intenção dela de mudar os fatos?

GLAUCY ARANHA: Não tenho ideia. Não tenho ideia. Eu me lembro que eu acordei com o sol, sempre, sempre, às vezes eu viajo e vem o sol naquele, eu tento imaginar que horas era aquela hora. Quando eu sinto esse sol assim bater na janela em determinada altura. Eu penso, eu me lembro do dia. Eu falo assim, que hora era essa hora? Eu não consigo saber a hora, se era 07 e meia, se era 08, não sei. 07, não imagino a hora. Eu me lembro que eu acordei com o sol na janela. E levantei do quarto, fui até a porta do quarto, vi a cena. Fiquei por ali. Ela aparece na cozinha, da cozinha para a copa, que tinha um corredorzinho. Tinha a cozinha, uma porta, a copa. Ela aparece nesse corredor, perguntando por quê que eu não fui pra aula. E a minha resposta foi essa. Ainda falei assim, é, fiquei aquela coisa porque eu era muito apegada a ele não é? E falo assim, meu pai desse jeito. Eu não falei meus pais desse jeito não é? A minha mãe desse jeito. Falei assim, como eu vou com o meu pai desse jeito? Porque ele que me levava para a escola. Foi essa a resposta. Dali ela veio até a porta, ela chamou, alguma coisa assim de falar, meu Deus do Céu, alguma coisa assim, ela assustou. Minha Nossa Senhora, não lembro o quê que ela falou. Clamou por Deus na hora, Nossa Senhora, alguma coisa que eu até falei, meu Jesus, é grave. Assim, não é? Pensei. Aí ela acordou a minha irmã que dormia, o meu irmão, nós dormimos no mesmo quarto esse dia e ela nos levou para a casa da vizinha que era a Dona Lina, só. De roupa de dormir ainda.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Vocês ficam na casa da Lina até ir para Várzea da Palma?

GLAUCY ARANHA: Não. Até chegar alguém de Várzea da Palma. Minha avó chegar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E já levou vocês para Várzea da Palma?

GLAUCY ARANHA: Não. Levou para a casa de Dona Maria no, ela mora ainda até, não, ela morava nessa rua, era um bairro, acho que Floresta. É mãe de uma tia minha, casada com um tio meu, na rua, ai ela era muito movimentada essa rua, eu esqueci. Nós ficamos lá na casa dela, até ir para a cidade de Várzea da Palma.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi no dia seguinte? Ou passaram alguns dias ainda em Belo Horizonte?

GLAUCY ARANHA: Não. Não. Foi, eu acho que no mesmo dia nós fomos para Várzea da Palma, porque teve o velório, o enterro. Me lembro do velório, do enterro, da missa e nessa casa que esse tio meu falou, eu queria ver, queria meu pai, minha mãe, perguntei. Ele, não, eles estão machucados, eles estão no hospital. Não sei se aquilo foi bom, não é? Eu saber, aquela confusão, está vivo ou não está? Fugiu, ela, minha mãe fingiu que estava morta, por quê? Eu ficava procurando por ela muitos anos ainda.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Passados 40 anos Glaucy, o quê que você avalia que aconteceu? Qual que é a sua opinião?

GLAUCY ARANHA: Diante de tudo que aconteceu, assim, diante de tudo que eu li, eu tenho muitas dúvidas. Eu não sei o que aconteceu. Eu não sei exatamente o que aconteceu. Quando eu via, nós crescemos sabendo que meu pai assassinou minha mãe e suicidou. Nós crescemos assim, acusados, olha, esse aí é do pai que matou a mãe e morreu, aquela coisa toda. E fomos, foram muitos anos assim. Quando eu li, quando eu tive acesso aos documentos, aos depoimentos e sempre me perguntava por quê que não me chamaram na época para perguntar? Porque eu era criança? Porque eu que vi assim, eu que encontrei. Por quê que não me chamaram para contar. E aí quando eu li alguma coisa e vi as fotos e vi as imagens, eu fiquei com minhas dúvidas, confusa.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: As fotos que você viu sobre a cena do acontecido, eram diferentes daquilo, dessas suas lembranças?

GLAUCY ARANHA: Muito diferentes. Ele principalmente muito diferente. Muito diferente.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Você consegue lembrar em quê?

GLAUCY ARANHA: A foto que eu vi, tem até, ele parece que estava de lado e eu, eu nem me lembro de ver o revólver, onde eu vi. Parece que eu já li que o revólver próximo a boca dele. Eu vi aqui a mão, uma mão. Ainda falei assim, o revólver não caiu da mão. Ele deitado, de barriga para cima, o braço ainda estendido, o revólver não caiu da mão.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: E ele era canhoto?

GLAUCY ARANHA: Eu não tenho certeza. Não tenho certeza de afirmar isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Essa dúvida nós levantamos com pessoas que conheceram ele e o João Sette que trabalhou com ele e o João Sette afirma que ele era destro.

GLAUCY ARANHA: Esse revólver estava nessa mão, assim, nessa posição. Ele de barriga pra cima. O rosto, eu vi o rosto dele. O rosto. A expressão tranquila. Eu lembro assim.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: O rosto não estava ensanguentado?

GLAUCY ARANHA: Não me lembro de, não me lembro bem de sangue, de cobertos de sangue assim não. Não me lembro de muito sangue no rosto não.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: E essas fotos que você viu dele? Deles?

GLAUCY ARANHA: Eu não, e vi foto preto e branco.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Pois é. Nessas fotos além disso, da questão da mão, aliás, do corpo meio virado, de não ter arma, que mais que você viu de diferente?

GLAUCY ARANHA: Eu não gosto muito de olhar elas não. Eu o vi quando Brasília encaminhou para mim. Eu olhei mas não era foto, era cópia das fotos. Distorce um pouco. As fotos mesmo eu nunca vi, nem sei se são preto e branco. Se são coloridas. Eu tenho muita pena de ver a minha mãe. Muita, nossa, aquela não é? A vida a partir dali. Então eu vejo mas elas são distorcidas. Até que se eu tiver até oportunidade um dia, não sei se é possível ver essas fotos mesmo. Eu gostaria de ver.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, essa, você disse que talvez nunca saiba o que aconteceu de fato. Mas o inquérito é muito engraçado porque ele vem e já define, define e isso é colocado como uma verdade não é? E inclusive causas não é? As causas também ficam bem estabelecidas. A Lina que era muito amiga de seus pais, diz no depoimento dela de uma forma muito taxativa, você já deve ter lido esse depoimento, que fala que foram ciúmes não é? O depoimento dela está destacado assim. Eu tenho certeza que foram ciúmes. Você acha que isso, por quê que a Lina fala isso e se isso tinha, o quê que levou a Lina a pensar isso?

GLAUCY ARANHA: Ele realmente quando assim, as pessoas lembram do casal, ele e fala que ele tinha muito ciúme da minha mãe. Mas ele não era uma pessoa violenta não. Ele era um, eu não sei falar, mas parece que ele era muito assim, educado com ela. Muito cuidadoso com a gente. Eu não lembro de nenhuma agressão assim, uma coisa mais grosseira, um grito, tapa, não. Ele no fogão. A gente viajava, chegava, eles iam fazer janta. Trazia muita coisa da roça, sempre nós juntos assim, até para discutir talvez, eles já eram mais discretos porque eu não via. Não me lembro. Lembro um dia somente que eu lembro, que eu já vi ela chorando.

E, mas coisa assim mais de a gente assustar, chorar junto, não, nada disso, nada disso.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Você disse que tem uma lembrança de que o casamento deles não tinha, não estava numa fase boa. Por quê que você formula essa posição, não estava numa fase boa.

GLAUCY ARANHA: Porque eu ouvia rumores assim, alguma coisa de falar em separação. Alguma coisa de talvez separar. Eu ouvia um pouco isso, mas não entendia muito assim. Porque era muito unido, viajando juntos. Mas eu ouvia algumas falas de separação. Por isso a minha dúvida, foi, não foi, porque tinha uma crise. Já tinha uma crise, não tão assim como eu falo, marcante pra gente participar de discussões mas ele dentro de casa, presente, mas eu lembro algumas coisas assim, ela chorando. E algumas já ouvi alguma coisa sobre separação. E sei que ele era, vejo as pessoas falarem desse ciúme mas, nada que, ela era uma mulher na época, ela dirigia, ela tinha o carro dela. Eu guardei um cartãozinho até, um dia que ele presenteou com flores. Ele falando até uma mensagem muito bonita, foi muito recente porque foi em abril. Ele deu essas flores, que ela sentisse nas pétalas das rosas a vibração do amor por ela. Eu lembro dela ganhando um anel, ela muito feliz. Mas tinham umas coisinhas assim de casal que a gente vê. Por isso talvez a minha dúvida. Mas não tinha aquela coisa de por exemplo, se foi que fez isso que como assim, numa frieza muito, assim, colocar a gente para dormir? Um pai amoroso, tão amoroso assim meu Deus? De repente?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Você tem lembrança de cenas de agressividade dele?

GLAUCY ARANHA: Não.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Com pessoa de fora?

GLAUCY ARANHA: Não.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Com vocês parece que não. mas?

GLAUCY ARANHA: Nunca. Eu lembro do meu pai.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Ele não era uma pessoa estourada?

GLAUCY ARANHA: Não. Acolhedor, educado. A minha admiração porque ele era muito educado. Muito como assim? Assim visitando as pessoas, as pessoas na minha casa. Ele encaminhou muita gente lá para o Pará, que eram moradores da fazenda para eles até hoje eles moram lá no

Pará, receber terra do Governo, aquela coisa toda. Hospitais, alguém fazer tratamento na minha casa sempre, nossa casa lá sempre recebendo. Ele é muito, muito acessível. Eu tive um casamento difícil, então aquele homem assim que alguém chegava o marido achava ruim que alguém chegou. Não, lá na minha casa não tinha isso. Ele acolhia, ele era muito de acolher e de visitar as pessoas. Agressivo, nunca lembro do meu pai agressivo.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Você ouve conversar sobre política dentro da sua casa?

GLAUCY ARANHA: Ah, de...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Sobre a situação política do Brasil?

GLAUCY ARANHA: Hum, não. Ele, a única coisa que eu lembro assim dele falar que ele falava das nossas profissões. E falava que eu fosse, que eu ia ser uma advogada. Não lembro assim de falar... Lembro de muitas pessoas na mesa assim, mas isso eu não lembro de situação política assim não.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: A casa estava sempre cheia de outras pessoas?

GLAUCY ARANHA: Sempre cheia. Sempre, sempre tinha gente na minha casa. Sempre tinham pessoas na minha casa. Recebia visitas.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Pessoas que não eram da família? Amigos, conhecidos?

GLAUCY ARANHA: É, não era a aquela coisa assim, demais não. Mas eu lembro que recebia pessoas na mesa de jantar. Tinham pessoas, tinham familiares também, mas assim, sobrinho dele. É, ele tinha uma vida social muito intensa, dava para sentir isso, uma vida social muito intensa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ô Glaucy, você narra dentro do processo, o estado em que ele ficou após ter sido preso. Você nasceu em que ano mesmo?

GLAUCY ARANHA: 65.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 65. Portanto, esses fatos você não era nascida ainda?

GLAUCY ARANHA: Não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Você, alguém te contou isso. Quem te contou essa história que como é que ele estava?

GLAUCY ARANHA: Ah, da tristeza?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não. Estado físico dele após ter sido preso?

GLAUCY ARANHA: Ah, ele, é porque essa história envolveu, minha mãe estava grávida do primeiro filho, quando ele foi preso. E ela, chorava. Os familiares. Como minha avó, meu avô não era muito de falar não. Mas os familiares assim, ela chorava bastante. É, o ciúme dele. Sempre tem essa coisa do ciúme porque ela tinha um namorado que era médico e ele não queria que fizesse o parto dela. E aí naquela época ganhava-se muito bebê na fazenda não é? Em casa. E a parteira foi, mas teve dificuldade. Teve que levar ela para a cidade e esse bebê acabou falecendo. E aí ele desaparecido. Eu lembro do meu avô. E são falas mesmo de familiares, contando que ele teve que recorrer a políticos, Doutor Antônio Gomes Pinto Coelho, tem até o nome lá na minha cidade da rua que leva o nome dele. Um tio, Otávio Fernandes que era político muito atuante. Eles tinham muitos amigos assim da política, aquela época a gente via mais essas pessoas e aí ajudou a localizar meu pai. Que aí soube que ele estava em Lagoa Santa, eu não sei como ele descobriu isso, não sei. E a situação que encontrou de tristeza, de, ah, não sei nem falar assim o nome. Parece assim que muito moribundo, muito apático, muito triste. Muito triste. E eu lembro que ele tinha uma ferida também na perna, uma cicatriz. Eu sempre perguntava, passava a mão na canela dele, o quê que era aquilo. Ele nunca detalhava para nós. Eu não sei o quê que era, uma ferida na canela. Bem grande uma cicatriz. Eu não sei te falar o quê. E ele nunca tocou nesse assunto de prisão. Nunca. Nunca falou isso conosco. Nunca. Eu fui saber pelas coisas que ele deixou lá escritas mesmo, por acaso, aí que eu sabia que ele, que a vida dele estava envolvido com política mas ele nunca foi falado não. Tinha um, as coisas não eram muito abertas não. Para nós.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, ele não falava da prisão com vocês. Também não falava dele ter sido prefeito, ele contava?

GLAUCY ARANHA: Ah não, isso ele tinha uma ligação muito forte com a cidade. Nós íamos na cidade, muito querido na cidade, muito querido. É um lugar que eu gosto muito de ir porque até hoje quando fala, nossa, filha do Flávio, eles ficam, Meu Deus do Céu. Várias homenagens ele já recebeu lá depois. E ele amava ir lá, voltava, visitava os amigos. Mas era uma coisa assim muito alegre, muito. Ele era muito, ele tinha uma postura muito positiva. Muito positiva de nossa, aquela

pessoa assim que passava uma imagem de muita força. Ele passava essa imagem de muita segurança, muita segurança. Mas de falar dessas coisas, detalhe de prisão, não. Não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, outro aspecto que eu queria abordar com você. Você vai morar com os seus avós maternos. E com, aí morando com os avós maternos e com esse fato não é? Como é que os avós maternos seus tratavam isso com vocês?

GLAUCY ARANHA: Nossa. É, enquanto eles eram vivos, era uma situação. De nó, quando a gente chegava, chegavam as princesas na casa. As meninas, meu Deus. Chegava o pessoal assim, era muita festa. Depois que eles faleceram, a realidade foi outra. Acabou assim por exemplo, no dia de aniversário da gente, se eu falasse que era meu aniversário, eu ganhava um xingo. Isso não existe não menina. O avô não. O avô muito carinhoso, muito. Eu sentia um certo, um, parece assim, teve uma época que eu achei que estavam meio escondendo a gente. Eu sentia um pouco isso, da não exposição nossa. Muito na fazenda, muito. Isso eu sentia. Essa coisa assim de não expor. É, mas muito diferente de quando eles eram vivos não é? Ali a gente não sentia mais como se fosse a família, aquela família acolhedora, não. Parece que estava na casa de, era intruso ali, na casa de alguém. Tinha muito cemitério, tinha que não podia sair do cemitério. Meninas, qualquer coisa era muita morte, morte, morte. É, eu escutava muito, minha avó falava, você, olha, você matou sua mãe, matou seu. Meu Deus do Céu. Como assim eu matei minha mãe? Chorava. Eu chorava muito. Tinha o apelido até de manteiga derretida, o tanto que a gente chorava. Ela mandava eu chorar bem longe. Muito ruim assim. Queria vir aqui, não podia vir. Nunca mais vi o pessoal que eu convivi, assim colegas. Foram muitos anos para voltar aqui. Eu voltei aqui é já tinha 15 anos de idade. Quando eu retornei em Belo Horizonte assim para me lembrar que eu vim aqui, querer ver onde que eu morava, já foi com uns 15 anos, mas mesmo assim foi com uma pessoa que me trouxe, vim de companhia. Não foi para vir ver aonde eu morava. Nada disso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O seu pai larga o jornalismo pela política não é? Que era o sonho dele. Depois desse fato, ele larga a política de novo e volta para o jornalismo. É, você sentia ele realizado com o jornalismo que ele passou a fazer depois?

GLAUCY ARANHA: Não, não sentia ele uma pessoa realizada. Ele gostava muito, muito. Fotografia, tinha o estúdio, eu lembro do estúdio. Escrever. Ele amava, isso eu sentia que ele amava mesmo, dedicado. Mas realizado não. Não sentia. Acho que ele caiu um pouco. Até assim no porte, na postura um pouco. É, eu acho que ele ficou mais caído, mais cabisbaixo. Mais

cabisbaixo, mais triste. Ele era uma pessoa, é que eu também, eu atravessei, eu não peguei essa parte. Eu nasci em 65. Mas pelas fotografias daquele terno, um homem alinhado, sempre falando, discursando e cercado de pessoas. Ele conduzia, dava uma direção a muita gente assim. Isso aí era, ele, dava para sentir que ele gostava muito. Parece que ele foi meio podado aí.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Glaucy, você indicaria alguém para falar sobre seu pai?

GLAUCY ARANHA: Indicaria. Tem uma pessoa que eu acho que eu nem citei até com o Augusto. Ele trabalhou com o meu pai e quando eu toco no assunto, ele mora na minha cidade. Ele chama Dirceu Marques de Oliveira. O que ele faz hoje, ele aprendeu com o meu pai. Hernani Sampaio também que é um advogado da minha cidade. Mas ele falou, ele fala coisas pra mim, um dia eu falei assim, ô Dirceu, está acontecendo isso e isso. É, quem sabe você pode me falar alguma coisa a respeito. Ele fala assim, tem coisas que eu sei que eu nem sei se eu posso falar até hoje. Aí eu falo, mas o quê? Eu quero, não dá para falar? Já passou tanto tempo. Ele fala, ah, não sei. Então essa pessoa. Dirceu Marques de Oliveira, trabalhou com ele, deve saber muita coisa a respeito. É, ele sempre fala com esse mistério. E ele fala do dia também, ele sabe de detalhes. Parece que é ele do dia no Instituto Médico Legal, teve cenas de muito medo, pessoas com muito medo. Teve coisas muito assim estranhas no dia que estavam fazendo como fala?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O laudo?

GLAUCY ARANHA: É, nos corpos dos dois. É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Dirceu então morava em Belo Horizonte na ocasião?

GLAUCY ARANHA: Trabalhava com ele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Com ele?

GLAUCY ARANHA: É, trabalhava com ele.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Essa parte do depoimento para nós o momento que você tem mais (Trecho incompreensível). Nós (Trecho incompreensível) quem acompanhou esse depoimento aqui por parte da Covemg foram Helena Molina e Augusto Borges e agora nós vamos passar para a Janaína, eu sempre erro o sobrenome dela falar ela mesmo fala o nome, que também é da Covemg, trabalha na comissão Impedimento de Crianças e da convivência das crianças com seus pais, em função da prisão, morte ou desaparecimento deles. Então vamos passar agora para a Janaína. Fala mais alto.

JANAINA: Janaína Breugmas.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Breugmas?

JANAINA: Isso.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Que uma hora a gente aprende.

JANAINA: O que eu queria, o que é mais importante para a gente saber são os reflexos de todo esse impacto, de toda essa conjuntura, de tudo que você nos falou aqui agora. A minha primeira questão, é mais diz respeito a como que você reflete. O quê que você acha, o que você pensa, sua opinião, seu sentimento em relação a esse fato em si, após?

GLAUCY ARANHA: Olha, eu desejei muitas vezes ter morrido junto. Porque...

JANAINA: Se você quiser a gente pode. A gente pode parar.

GLAUCY ARANHA: Não, eu acho que eu consigo. Porque da noite pro dia, uma situação de tinha família mas eu não me sentia com braços nem pernas mais. É como se jogasse pra lá, jogasse pra cá. Um boneco sem braço e sem perna. E eu me lembro que esse ambiente hostil eu não queria viver. Eu fui passear na casa da família do meu pai, eu não quis voltar e mandaram me buscar várias vezes, eu não queria voltar. Eu esqueci de ler. Eu não sabia ler, eu lia muito bem. Eu não sabia mais ler. Demorou para eu voltar a ler. E assim durante muitos anos foi uma vida, eu falava assim para quê que eu vou viver? Porque não, quem eu mais gostava não tem mais. Aí eu preferia que tivesse acabado a família inteira ali. Aos 12 anos eu tive muita crise também de não querer viver. Aos 16 também. Eu só fui ter força quando eu fui mãe. Só. Aí foi assim.

JANAINA: Os seus irmãos eram muito pequenininhos?

GLAUCY ARANHA: Minha irmã um ano mais nova e meu irmão, 03 aninhos.

JANAINA: E você tem alguma lembrança de vocês conversando? Como é que era essa relação? Porque você nos disse que na noite anterior, vocês estavam dormindo todos juntos?

GLAUCY ARANHA: Tudo juntos.

JANAINA: E era, vocês sempre dormiam juntos?

GLAUCY ARANHA: Às vezes dormíamos juntos porque era, gostava de juntar as camas sabe? E frio, eu lembro bem, frio aqui. Sempre tinha uma organização, eu até contei para o Augusto e a

Helena hoje, de arrumar a cama, a gente tinha que, tinha preguiça. Ah meu Deus, mas mãe, nós vamos arrumar a cama para a gente deitar, vai bagunçar. Não, mas tem que deitar arrumada. Aí assim, era muita brincadeira. A gente brincava em casa junto. Era apartamento, tudo muito próximo. E às vezes dormia. Eu até pensei mesmo esse dia, eu falei, será? Por quê que nós dormimos juntos? Mas já era normal. Ele já tinha 03 anos, gostava de ficar entre nós duas, a gente unia. Ele ficava no meio e dormia. Não ouvimos nada, nada. Mas eu vi alguma coisa no revólver também, uma peça no revólver. Aí eu pensei, como a gente não ouviu nada, isso é um silencioso porque nem sei quantos tiros não é? Mas nós não ouvimos nada, nada. Nada. Aí, mas não foi, foi muito difícil, muito difícil, de querer morrer mesmo. não tinha interesse em viver. Nenhum. Pensava mais no meu irmão, que ele era menorzinho. Só.

JANAINA: Quando vocês foram para Várzea da Palma, quando a família, (Trecho incompreensível) é materna não é? Vocês todos ficaram juntos?

GLAUCY ARANHA: Ficamos.

JANAINA: Como é que foi? Vocês ficaram morando na casa dos seus avós por quanto tempo?

GLAUCY ARANHA: Sempre.

JANAINA: Sempre?

GLAUCY ARANHA: Sempre.

JANAINA: Você saiu de lá só depois que você?

GLAUCY ARANHA: É, eu fui passear na casa dessa família do meu pai em Arcos, o meu tio Zezé eu gostava muito deles também e tinha, ficou assim aquela coisa de um pouco de receio. Ele sempre nos visitavam lá na cidade. Mas aquele receio assim, ficava aquele incômodo não é? Será que Flávio tirou a vida de Ninha e agora, aquela coisa de família. Mas tinha uma educação. Minha avó sempre gostava. Minha avó sempre, era uma coisa tão. Às vezes na ira dela, ela brigava, xingava mas ela sempre elogiava meu pai, que ele chegava, arrumava a casa dela toda, dava faxina, ajudava na cozinha. Tinha esse lado muito bom dele. Ela deixava claro, mas também na hora, não entendia muito a minha avó, não entendia.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Ô Glaucy, você podia relatar aqui aquilo que na hora do almoço você me falou, daquilo que vocês e seus irmãos ouviam quando eram pequenos?

GLAUCY ARANHA: De? Do almoço? Ah, minha avó de chorar? Falar, vai chorar longe?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Não. De chorar longe não é, não sei, eu não estou confundindo se foi aqui também. Mas de que as pessoas falavam, essa é filha de quem matou.

GLAUCY ARANHA: Ah, nós crescemos rotuladas, crescemos rotuladas na cidade. Você, até hoje as pessoas lembram do velório. Foi muito não é? Foi muito chocante. Elas lembram até hoje. Então você é quem? Você é filha, você é filha de Flávio. Flávio matou sua mãe, suicidou. E teve aquele coisa da infância, dia das mães, cadê meu pai? Cadê minha mãe? Você é filha dele, que matou sua mãe. Ficou muito rotulado isso. Mocinha, aquele rótulo. Ah, o namorado chegava, você vai ser igual, aquelas coisas. Vai ser igual a sua mãe?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Uhum.

GLAUCY ARANHA: Tinha isso. É, a história vai se repetir? Meu Jesus. Isso sempre. Nós crescemos assim na cidade. Vistas dessa forma.

JANAINA: Existiu algum momento em que vocês, digamos que vocês sentaram e mesmo agora, se sentaram e conversaram sobre isso para tentar?

GLAUCY ARANHA: Meu irmão.

JANAINA: Se vocês tem essa dúvida? Essa dúvida permanece na sua vida?

GLAUCY ARANHA: É.

JANAINA: Toda hora assim.

GLAUCY ARANHA: Eu e minha irmã muito, nós sempre recordamos, conversamos muito, dos detalhes da vida, como era bom. A gente, olha só. Aula não é? Estudava. Fazia violão. Balé. Piano. Natação, isso aí lá em 75. Eu me lembro dos lugares onde a gente. Eu me lembro de sapatilha, roupinha de balé. Lembro do catecismo, lembro das missas aos domingos, era uma vida assim, para de repente ir para a roça, arrancar mato no chão, lavar vasilha de carvão, lavar roupa. Fazer arroz. Se você não trabalhar você não come, tirar o prato de você, não. hoje você trabalhou pouco. Então assim, a gente ficava mais unidas, conversando, lembrando dessas coisas não é? O quê que a gente fazia. Como que era a vida aqui e o meu irmão não. O meu irmão não gostava de falar. Do assunto, não aceitava. Era uma casa de muitos rapazes, muitos homens a casa da minha avó e muito machismo. Muito, meu Deus, muito rigor. Muito, ai, não sei.

A gente sentia que era da família. Eu gosto deles, muito deles mas tinha uma coisa de repúdio sabe? Não tinha aquela coisa aberta. Você, não é? Assim, era estranho. Não sei falar não. Eu sei que a gente não tem muita ligação próxima de querer ir todo dia lá não. Não queremos não.

JANAINA: E o quê que aconteceu assim que fez com que você fosse atrás desses documentos lá em Brasília? E começasse a tentar rever essa história? O quê que foi o ponto assim?

GLAUCY ARANHA: Foi assim. Um dia eu assistindo MG TV, MG TV na época, de manhã. Eu escutei uma notícia. Aí a notícia que eu escutei, meus filhos estavam arrumando para ir para a escola. Era de uma lei. Que falava sobre preso político. Essa coisa de política. Eu falei, ai, isso aí eu acho que tem a ver com a vida do meu pai.

JANAINA: Uhum.

GLAUCY ARANHA: E eu já vim aqui em Belo Horizonte na época que o meu marido, ele estava mexendo com coisa de caminhão, de financiamento de caminhão. E aí era na BMG. Eu sei que o carro quebrou perto da Assembleia. Era ali perto, o carro quebrou ali. E eu olhei e já com aquela notícia na cabeça, eu já vim aqui. Eu falei, essa notícia. E vi um homem passando de terno. E procurei ele, depois que eu soube que ele era João Leite. Aí eu contei para ele sobre, perguntei dessa lei, achava que tinha alguma coisa a ver com a vida do meu pai. E aí ele encaminhou para um gabinete de uma deputada, eu entrei na Assembleia, fui e eles me deram a lei, me deram orientação, falou leia, tem a ver sim. É só você juntar os documentos. Aí como, quando eles faleceram a mudança foi toda lá para a casa da minha avó. Então ela guardou, tinha muito. Ele encadernava os jornais.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Aham.

GLAUCY ARANHA: Até hoje tem lá, é tudo encadernado, tudo arrumado, reportagens coladas e muito, muito documento. Junto assim muito documento. Assim eu li essa lei e comecei a organizar esses documentos que ele já tinha deixado praticamente tudo arrumado. Ele, essa organização era dele. Eu apenas, não sei como né? Graças a Deus esse tempo que passou de 09 anos até, não sei a época da lei, não sei quantos anos eu tinha. De receber isso tudo. Foi muito fácil colher esse material. Aí eu aqui, eu esqueci o nome da comissão aqui na época. Era aqui em Belo Horizonte. Eu nunca, eu tinha contato muito por telefone, correio, mandava por correio. E aí eles reconheceram.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Comissão Especial de Indenização de Vítimas de Torturas.

GLAUCY ARANHA: Deve ser.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: A daqui é essa.

GLAUCY ARANHA: É.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: É ligada ao Governo estadual de direitos humanos.

GLAUCY ARANHA: Isso. Aí quando concluiu essa fase, teve lá um processo indenizatório, R$ 30.000,00. E não é, dinheiro nenhum ia voltar minha vida mas e teve essa parte. Aí eles que me indicaram Brasília. Eles que indicaram. Brasília. Vá, mande pra Brasília. Aí enviei para Brasília para duas secretarias, porque quando eu lembrava, nossa, foi prefeito e as condições que nós crescemos foram muito terríveis. Eu fico até um pouco acanhada que a minha avó não gosta de, tadinha, ela está lá, muito mal de saúde, mais de 90 anos. Ela hoje está dependente das mãos de outras pessoas lá mas assim, as condições nossas foram péssimas. Nós tivemos escola, mas eu não tinha um absorvente para usar. Eu não tinha uma calcinha para usar. Eu não tinha. Nós já pedimos roupa na rua para usar. Piolho? Olha isso, eu estudava em uma escola muito boa, mas eu não tinha um desodorante para usar. Aí eu falava, era terrível. Muito terrível. Eu tinha uma, eu até hoje, eu até queria ver se estudo uma menstruação muito, parecendo muito uma hemorragia muito forte que sujava a roupa muito e eu me lembro desesperada na escola várias vezes, pelo amor de Deus, me dá um pedaço daquele pano ali. Está limpo. Está do chão. Coisas muito básicas nós não tivemos.

JANAINA: Uhum.

GLAUCY ARANHA: Tinha uma escola boa, particular, mas não tinha um banho não é? Assim, decente. É, eu até perdi onde que eu estava aqui.

JANAINA: Você estava falando sobre Brasília.

GLAUCY ARANHA: Ah. Aí veio, Brasília. Muito, não é? Essas coisas, Brasília, Minas Gerais foi muito rápido. Foi muito rápido aqui. Aí Brasília, aquela coisa toda e resposta da anistia. Ah tá, da anistia, se meu pai foi prefeito, nós tivemos essas condições de minha avó não requereu pensão. Nós não tivemos pensão, era jogar na cara que deixou dívida, que o apartamento, que eles tiveram que quitar o apartamento, aquelas coisas assim de cobrança. Ai eu falei, gente, quem

sabe a gente não tem um aliviozinho aí pela lei. Aí não teve, também não teve. E nós sobrevivemos, sobrevivemos.

JANAINA: Você foi chamada para uma caravana não foi? Depois do depoimento? Qual depoimento que você prestou?

GLAUCY ARANHA: Ah foi, foi. É, nessa secretaria, na Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos da Ditadura, eu, a doutora, eu mandava muito documento. E no parecer da Doutora Eliane, ela, eu via que ela não estava considerando aqueles documentos. Porque ela colocava bem claramente assim, não, foi passional, tudo indica que foi passional. Mas eu falava, por favor, veja, leia esse detalhe no atestado de óbito lá, que tinha uma coisa que tem hora que era uma mão, daí a pouco era noutra mão, daí a pouco tinha pólvora, daí a pouco não tinha pólvora. Tinha um medicamento lá na beira da cama dela de, para dormir, mas no exame que fez não tinha nada. Esse depoimento da moça que trabalhou conosco. Muitas coisas distorcidas. As fotos quando eu vi. Aí eu falei, considere isso por favor. Não é? A senhora não está levando em consideração. A moça. Tinha um pessoal lá conversava comigo no telefone, falava muito numa não sei o quê forense. Uma, não é psicologia forense, alguma análise lá forense, que ela falava assim, não, não se enquadra Glaucy. Leve adiante. Até a própria expressão do seu pai. Essas coisas as pessoas consideram, tem todo um estudo sobre isso. ele não tem a expressão de quem matou e suicidou. E eu não, não me atinava muito para essas coisas também não. Aí levava. Mas um processo muito moroso. E às vezes eu não tinha nem dinheiro para ligar, porque eu tinha que estar ligando muito, cobrando o andamento do processo.

JANAINA: Você fez isso sozinha ou seus irmãos te ajudaram?

GLAUCY ARANHA: Sozinha, praticamente sozinha. Minha irmã, sempre eu passando para eles, falando mas, sozinha. Inclusive ela vai em Brasília, muito mais que eu. Falo, vai lá Flávia, conversa que as condições financeiras dela é melhor do que a minha. Mas ela não tem muito interesse não. Acho que essa ligação minha com ele, não é? Essa coisa assim, ah, meu pai. Não sei. Foi assim.

JANAINA: E quando a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos, ele foi indeferido o processo ou foi deferido?

GLAUCY ARANHA: Foi indeferido. Aí esse pessoal que dava um suporte falou, coloca tudo isso que você fala conosco no papel. Aí eu falava assim, eu não vou ser presa não? Medo não é?

Não, você não vai ser presa. Pode falar. Mas eu vou discorda de uma procuradora. Não, mas ela vai reaver. Ela tem, ela é uma pessoa muito assim, ela é uma pessoa de bom senso. Se você falar detalhado, ela vai reaver. Aí é que eu comecei a detalhar, detalhei, detalhei. Eu e o meu filho, nesse dia era, até uma noite, era Natal. Tive um problema até na minha filha tinha ido embora para São Paulo nessa época. Aí coloquei tudo, tudo. Falei, ai meu Deus tudo. E mandei. Aí ela quis me ver. Ela quis me entrevistar. Aí eu fui. Quando eu estive lá. Me recebeu muito bem, foi muito tranquilo. Aí eu falava assim, mas tem essa prova doutora. A senhora não viu? Não. Aí ela folheava e falava página tal. Aí ela olhava. Ah é mesmo. Aí eu falava, tem esse livro. Não, não tem livro. Tem, eu trouxe outro. Que eu tinha perdido o livro. Ah, é mesmo. Realmente. Então ela foi aceitando, tudo que já tinha lá, acho que não tinha visto direito os detalhes. Aí ela aceitou.

JANAINA: Você sabe quais provas que foram (Trecho incompreensível) para poder aceitar? Você sabe dizer o quê que foi?

GLAUCY ARANHA: O que eu falei no dia foi só tudo que já tinha lá, livro, ainda essa história de Três Marias, essas discordâncias lá, depoimento, a coisa lá do laudo do médico legista, que ela considerou depois. E aí ela falou assim, até uma frase comigo, ela falou assim. O sofrimento de vocês acabou. Aí eu falei assim. Acabou não, acaba não. A questão acaba. Não acaba. Certeza não acaba. E aí até hoje não tem, não finalizou. Eu vejo um pouco assim, um certo descaso com...

JANAINA: Ainda está em processo?

GLAUCY ARANHA: Já foi publicado agosto de 2013, foi publicado a decisão do processo, aceitou como vítima da ditadura militar, deferimento. Só que mais nada assim, não teve nada. Não teve. Se há algum pagamento que a lei prevê, não teve nada. Não vi a parte final do processo. Não tive acesso ainda.

JANAINA: Não teve acesso?

GLAUCY ARANHA: Não. Não tive acesso ainda.

JANAINA: E como é que você passa essa história para seu filhos? Enfim, agora como que é? Como que você traz isso para eles?

GLAUCY ARANHA: Olha, da forma mais natural possível. Eles sabem de como aconteceu mesmo. Da dificuldade de não ter os pais. Do sofrimento que nós passamos, eles. Mas foi

passado natural assim. Eles conviveram com nossos avós sabendo, mas assim com respeito. Compreendendo às vezes o nervosismo dela, alguma coisa assim, mas não teve proximidade não. Aquela coisa da gente visitar toda semana, crescer na casa, assim. Não. mais afastado um pouco. Convivência mais afastada um pouco. E mas eles veem como sofrimento muito grande. Muito grande.

JANAINA: Hoje em dia você tem algum, (Trecho incompreensível) você tem algum contato com a família do seu pai? Atualmente?

GLAUCY ARANHA: Eles faleceram muitos irmãos. Tenho com minha prima que mora em Corinto, eu tenho. Esse tio, eu tinha perdido um pouco o contato com ele. Porque teve uma coisa um pouco de ciúme também da gente ficar com a avó, eles queriam participar mais da nossa vida, não podia. Não podia ficar conosco o tempo que eles queriam. Minha avó não deixava. Não deixava muito não. Ainda mais eu que não quis voltar, tinha medo de né? Nossa, a menina vai ficar lá. Não tinha muita coisa assim não.

JANAINA: Você sabe de quem que foi essa decisão de vocês ficarem com seus avós maternos?

GLAUCY ARANHA: Acho que foi da minha avó.

JANAINA: Mas você sabe se teve alguma coisa na justiça, de guarda?

GLAUCY ARANHA: Não.

JANAINA: Assim?

GLAUCY ARANHA: Não.

JANAINA: Não teve um processo de guarda não.

GLAUCY ARANHA: Se teve eu não tenho conhecimento.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Qual a sua lembrança da reação do seu irmão menor que tinha 03 anos?

GLAUCY ARANHA: Nossa, gritos, gritos.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Quando aconteceu a morte dos pais, dos seus pais?

GLAUCY ARANHA: A morte em si nada assim não, mas logo em seguida, banhos dele, eram gritos e gritos, ele chorava à noite muito choro à noite querendo mãe. E gritos, gritos. Não era choro normal. Grito querendo mesmo, berros. Muito, muito, muito.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Por muito tempo?

GLAUCY ARANHA: Muito tempo.

JANAINA: E da sua irmã?

GLAUCY ARANHA: Muito apegado a minha avó ele é.

JANAINA: E sua avó?

GLAUCY ARANHA: Inclusive ele, eu espero que não seja, que ele sempre fala que minha avó fechando os olhos, ele vai dar, ele vai dar um tiro na cabeça, ele tem essas coisas. Mas eu não considero isso muito não. Quando eu vejo essa fala, eu falo, ai, olha, chega, eu não aguento. Chega, para mim isso já chega. E ele é muito apegado a ela.

JANAINA: E sua irmã? (Trecho incompreensível) aqui como que aconteceu de você chegando depois essa senhora (Trecho incompreensível), senhora não, jovem não é? Que trabalhava (Trecho incompreensível) e sua irmã? Onde sua irmã estava?

GLAUCY ARANHA: Junto com a gente na casa.

JANAINA: Ela chegou, ela viu seus pais também?

GLAUCY ARANHA: Não, ela não viu. Eu perguntei para ela depois se ela viu, quando tirou ela de casa, não, ela só foi acordada. Talvez essa moça até confundiu, porque ela acordou minha irmã. Deve ter acordado minha irmã, minha irmã dormia ainda. E aí eu sempre perguntei, Flávia, você não viu? Ah não, não vi nada. Quando ela saiu já no corredor ela já saiu para ir para a casa da Dona Lina, não viu. E nós, eu sentei no jardim do prédio assim, mas eu, da gente ficar tão, era muita gente, acho que juntou muita gente, tirou a gente lá, logo muito burburinho assim de gente, nós não ficamos durante o dia, não me lembro muito o quê que a gente fez não. Só lembro a tardezinha, perguntando dessa passagem que esse tio meu falou que eles, ele é vivo ainda. É, que eles estavam machucados no hospital.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Esse tio é materno?

GLAUCY ARANHA: Materno.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Materno. O nome dele?

GLAUCY ARANHA: Osmar. Osmar Aranha. Ele falou isso, não, eles estão machucados, eles não morreram não, estão no hospital. Ah, Ô esperança.

JANAINA: (Trecho incompreensível) em Várzea da Palma? Ô Glaucy, você foi a que saiu com semelhança física mais próxima do seu pai. E talvez não foi só a semelhança física não, talvez você tenha herdado mais dele essa força que ele tinha. E o seu irmão mais novo e é, eu queria que você falasse do sofrimento do seu irmão mais novo que talvez não tenha conseguido resolver como você resolveu. Como é que ele? Como é que foi a vida dele?

GLAUCY ARANHA: Ah, o meu irmão. O que eu sei falar, ele não conseguia ficar na escola. Eu fiquei durante um longo período com ele na escola. A gente levava, eu tinha que ficar dentro da sala de aula. Isso no grupo, a gente chamava de grupo na época do grupo, 1ª a 4ª série, eu tinha que ficar dentro da sala com ele todos os dias. Muito, o olhar dele transformado. As fotos, a tristeza. Era nítida nas fotos assim, aquele olhar triste, caidinho. Uma situação de abandono, eu sentia assim, a gente sentia. Estava na casa da família mas uma situação de abandono. Eu lembro uma vez ele quis vender picolé. A minha família tem uma condição boa assim, uma condição assim, tinha a fazenda. Talvez não tinha tanto dinheiro em si, mas tinha casa boa, tinha fazenda, muito cheia sempre de muita gente. Mas ele quis vender picolé e um tio meu bateu muito nele. Muito. Muito. Que minha irmã ela lembra mais dessa surra, ele ficou roxo e a minha irmã é muito também tem as revoltas dela, de algumas fases assim na casa e ele sempre triste, calado. Quando eu me casei, eu me casei muito jovem também que a gente, nós corremos um risco assim também de, meu Jesus, não é? As coisas que a gente faz. De talvez não, como é que a gente fala. A gente vai ficando mocinha, não é? Um quer pegar e aí a gente recorria aos tios. A avó. A avó não aceitava que se falasse isso. minha irmã sofreu muito e a gente era, você que está errada, minha família não é assim. E mas tinha aqueles tios mais sérios que a gente podia recorrer, falava assim, acontecer alguma coisa me chama? Sabe? Tinham aquelas pessoas que a gente podia contar mas tinha aqueles que a gente corria um risco. Então ela tem suas dores lá, sua revolta. Eu casei muito jovem também. A carência, uma carência, meu Senhor Jesus. Anos para resolver isso. Primeira pessoa que dava atenção, nossa, aquela que vai ter a minha vida. E foi esse casamento, jovem, aí meu irmão sofreu quando eu casei.

JANAINA: Você tinha quantos anos quando você se casou?

GLAUCY ARANHA: Ah, ele devia ter uns 12 anos, eu tinha 18.

JANAINA: Você estava com 18?

GLAUCY ARANHA: 18. Uns 09 anos, eu sou mais velha do que ele. Ele sofreu, cada um isolado, assim junto, mas cada um isolado. Cada um por si para sobreviver. Parece que era um pouco assim. Juntos os três, mas assim, não teve aquela criação de, hoje é Natal, hoje é aniversário. De comemoração de datas? Não. Era serviço. Serviço. Serviço.

JANAINA: Sua irmã também se casou cedo?

GLAUCY ARANHA: Minha irmã casou, minha irmã tinha um pouquinho da vantagem de ser branquinha, de ser doente, tinha bronquite, então ela não podia lavar roupa muito cedo, porque vida dura de fazenda, porque tudo era na mão mesmo. e aí ela, mas ela casou jovem também, mas não tão quanto eu. Ela deve ter casado com uns 22 anos.

JANAINA: E ela está em Várzea da Palma também?

GLAUCY ARANHA: Mora em Pirapora.

JANAINA: Em Pirapora? E seu irmão em Várzea?

GLAUCY ARANHA: Meu irmão em Várzea.

JANAINA: Ele continua na fazenda ou ele se casou?

GLAUCY ARANHA: Sozinho, mora sozinho, muita dificuldade de se relacionar. Uma pessoa tranquila, mas muito introspectiva. Não fala. Quando você cobra um pouco ele desaparece. Aí depois ele aparece depois de 03 meses, 04 meses, 06 meses. De chegar na casa dele, ele esconder. E talvez ele não quer te receber, ele deixa a casa sozinha e sai pro mato. Mas tem dia que quer receber. Eu até perguntei se ele queria vir porque ele ficou muitos anos sem querer vir aqui. Aí ele falou que até que ia vir. Eu falei, olha, você quer vir. Vamos comigo. Mas muito introspectivo, muito inteligente assim. Eu vejo nas coisas que ele faz. De reaproveitar tudo. Ele é um homem, tudo dele é reciclável. Ele aproveita tudo, muito organizado nas coisas dele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Uhum. Ô Glaucy, você relatou que a, como que os filhos, você e seus dois irmãos foram afetados por esse fato. Esse, você acha que isso prolonga por mais uma geração ou parou em vocês?

GLAUCY ARANHA: Ah, parou não. Não. porque nós não tivemos aquele convívio de família, aquela coisa de chegou o Natal, vamos reunir? Não. Não tinha. Não foram criados laços muito fortes. Parece que o que tinha nós não conseguimos manter tanto. Hoje mesmo eu tenho um tempo que eu estou sem conversar com a minha irmã. A gente não consegue às vezes romper, a dor, a dor ainda é tão grande que a gente se isola um pouco. Outro dia eu falei para ela. Não que eu não te ame, falei não, escrevi. Nem passei a limpo a carta. Não que eu, não é que eu não te ame, é porque talvez você vá me agredir, eu já sou de caco e retalho, eu vou me proteger. Então a proteção é um pouco essa distância. Então nós tão próximas, e às vezes a gente fica distante. Parece que laços assim, não tivemos e cada um se isola. Hoje eu vejo meu filho sofrendo um pouco. Essa coisa de isolar e essa isolação existe, esse isolamento existe. Cada um mais no seu canto.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A Flávia tem filhos?

GLAUCY ARANHA: Tem. Tem dois e dois netos, está no segundo casamento. O marido dela é médico. Mas suas marcas muito profundas. A minha irmã ela teve problemas muito sérios assim em casa também. Tem coisa que por exemplo, dependendo da pessoa, a pessoa digere melhor, lida com aquilo melhor não é? Não chegou por exemplo assim, o risco de um, não falo estupro, mas um risco de um, uma violação maior do seu corpo ali. Nossa Senhora, às vezes a gente sabe? Nem sei se sabe lidar ou não, a gente evita aquilo ali, tenta esquecer aquilo ali, mas eu não sei como que lida com isso não. igual a Helena falou, nós nunca fomos em um psicólogo, nunca, nada. Não deu certo por aqui não? Vai por aqui. Então vai aqui, não olha. Tenta não olhar para trás, mas olhando, é muito difícil, é muito presente, passa tanto tempo e é muito presente. O fato é muito presente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esse tratamento não tão carinhoso dos seus avós maternos com vocês, inclusive mudando não é? Tinha um casamento carinhos, depois da morte dos seus pais, esse casamento vira agressivo, vira não cuidadoso. Você relaciona isso com eles culpando o seu pai pelo fato?

GLAUCY ARANHA: Eu muitas vezes levei para esse lado, inclusive essa aparência minha, essa repudia minha, eu parece que tinha uma certa raiva. Mas é aquela, eu nem sei falar, é dicotomia que a gente fala? Aquela.

JANAINA: Separação?

GLAUCY ARANHA: É, de, de eu conseguir enxergar o lado bom dele na família, porque levava, todas as visitas era chapéu, era uma coisa daqui pra lá, eles, as fotos mostram muito isso, muita foto, ele fotografava muito. Então assim, o amor dos tios, os tios envolveram uma vez em crime e só podia contar ele que viajou para o Mato Grosso, ele que levou para longe. Então tinha uma, ele que tirou do hospital aqui, porque.

JANAINA: Seus tios maternos?

GLAUCY ARANHA: Meus tios maternos envolveram lá em uma briga, teve morte de soldado, uma coisa assim. Aí esse pai muito presente na vida deles, acudindo ali daqui, depois acabaram, teve que julgar, teve que ir preso mesmo. Aquela coisa meio de faroeste, meio de interior, sabe? Então assim, esse lado companheiro dele, bondoso dele, amigo dele, mas esse outro eu senti assim. Não era claro, não deixava claro, ele gostava, não? A gente estava ali incomodando, o quê que é isso? Está com raiva porque matou a mãe? Mas ao mesmo tempo esse homem era de trazer orgulho, deles sentirem orgulho. Porque quando as pessoas falam dele é com muito orgulho. Lá mesmo na minha cidade. Nossa, eu lembro, as pessoas assim, parece que viviam uma situação um pouco de atraso e encontrava com ele aqui, em uma outra postura, aquele homem de terno, que chegava em qualquer lugar, que conseguia resolver qualquer problema deles, então tinha aquela coisa de orgulho.

JANAINA: Estou me lembrando que você citou aqui, você teve a alguns materiais do seu pai, que ele gostava de escrever muito e tal. Ele escrevia diários ou não?

GLAUCY ARANHA: Diário não.

JANAINA: Como era isso?

GLAUCY ARANHA: Cartão, cartãozinho que, cartão de, por exemplo, dava uma rosa, uma presente para a mãe, sempre acompanhava um cartão.

JANAINA: Hum, entendi.

GLAUCY ARANHA: Tinha, ele tinha, ele muito organizado com documento, guardar documento. Minha mãe, cartas. Muitas cartas, inclusive assim, minha avó não deixava a gente ver as cartas.

JANAINA: Sua avó não deixava?

GLAUCY ARANHA: Não. Ela, mas eu cheguei a ver uma carta que ela falava que onde estava o homem que ela amava? O homem que ela conheceu tão, ela tecia vários elogios, e agora aquele homem triste, não é? Assim, cadê o Flávio que ela conheceu muito, ela falava. E ela cita nós três, que ela falava assim, o que vai ser da vida dos meus filhos? O que será dos meus filhos? Então, tinha uma situação de desequilíbrio ali.

JANAINA: E essas cartas existem até hoje?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Você tem acesso a elas?

GLAUCY ARANHA: Não. Minha avó, ela não, guardava essas cartas. Mas eram cartas assim de.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Tem os demais documentos do seu pai?

GLAUCY ARANHA: Tem, todos que eu encaminhei eu tenho.

JANAINA: E você acha que a sua avó, sua avó mas não sabe onde está ou você acha que ela desfez disso?

GLAUCY ARANHA: Ah, ela, muitas dessas coisas assim, porque tinham umas cartas assim que por exemplo, dificuldade financeira, não é? Em determinado período às vezes, aí o avô, ela falava assim, que podia vender esse gado que eu tenho aí, manda o dinheiro para mim. Aí ela guardava como se fosse uma prestação de conta. Para prestar conta depois. Porque tinha, quando eles morreram levaram os bens, teve o apartamento, teve 02 carros. E as coisas deles e aí as pessoas usaram e nós e outras pessoas é que ficaram com isso e ela guardava um pouco para prestar conta. Era uma coisa, mas nada que falasse assim de, nada que ela causasse porque senão eu falaria também. Medo. Porque eu pensava, gente, eu numa situação de medo, eu saía com meus filhos de casa. Ficaria nunca, eu ia pra rua, pedia socorro, eu já, eu tive um casamento muito difícil, eu não ia ficar dentro de casa não. Eu queria ir embora, fugia. Ele viajava muito. Podia fugir. E não voltava para casa mais. Então eu não via esse medo dele, eu não sentia esse medo. Talvez dela falar assim, correr risco de morrer. Não. Porque essa noite mesmo, ninguém dormiu. Não teve nada assim, foi uma coisa assim, dormiu normal, acordou, cadê a minha escola? Minha escola, segunda-feira, minha aula.

JANAINA: A sua mãe, a gente para (Trecho incompreensível) seu pai, mas eu queria que você falasse um pouco da sua mãe assim. Qual que era a ocupação dela, como é que era a rotina dela?

GLAUCY ARANHA: Dona de casa. De nos olhar, levar na escola. Muito organizada, nossa, parece que tinha assim um, ela era, parece que perfeccionista. Minha mãe, naquela época as roupas nossas, roupa era costureira. A gente ia muito em um lugar, parece que comprava peça, tinha umas... Ele visitava um lugar muito grande assim de parece que fábrica. Lembro de costureira na nossa casa. Costurava dias, nós sempre fomos muito damas de honra. Nossa na cidade, dama de honra era Glaucy e Flávia porque chegavam as bonecas lá. Cabelo, minha cabeça é dolorida, acho que de tanto por rolinho, de fazer penteado. Nós fomos, tudo muito detalhe, muito arquinho de florzinha, bicicleta na Pampulha, vestidinho tudo igual, cor, azul, vermelho. O modelo mesma coisa. Era muito cuidado. Era muito boneca, botinha. Tudo assim que lá eu não via as crianças. A gente ia passear, era muito diferente. Só que a gente brincava todo mundo junto, mas o traje nosso era muito diferente. As roupinhas, costureira costurando, é escola, ela dirigindo. Muito assim alimento, merenda. A Helena hoje falou do arroz de forno, ela fazia arroz de forno, batia clara de neve. Queijo ralado, punha por cima, punha para assar. Muita gelatina na geladeira assim colorida. Ela era muito dona de casa. Mas ela era muito bonita. Ela era muito bonita. Ela era, ela sempre andava. Mas ela não era, ela não via como essas mulheres peruas não, ela não era exagerada, mas ela era uma mulher bonita, só que uma mulher que casou com 15 anos e morreu com 28. Talvez essa vontade também de 28 anos, ainda muito jovem. Mas era uma mulher alegre, lembro, ela fumava. Lembro da marca do cigarro, lembro, era Minister. E assim. Muito alegre. Muito, igual eu. Nós, às vezes o jeito lá em Várzea da Palma, a gente vê, a gente não quer só cumprimentar, quer abraçar, ai, quer rir, dar gargalhada, então esse jeito espontâneo, sabe? Era... O marido da minha irmã mesmo não gosta que ela seja assim, mas ela é assim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu queria fazer uma pergunta para a Glaucy, voltando lá para a primeira entrevista. Eu não sei se você chegou a ter essa informação, a matéria do jornal do dia seguinte, eu digo estranhamente cita, cita uma pessoa que falou ao jornalista, mas o jornalista não teve o cuidado de identificar quem era, que teria contado que a sua mãe trocou telefonemas com uma amiga na noite, um telefonema por volta de 08 horas e um por volta de 10 horas da noite, ela indicando que estava, não estava conseguindo dormir e a amiga pergunta para ela, você, guarde o revólver e aí ela falou, não, não preciso guardar o revólver porque não tem risco. Você conhece esse fato?

GLAUCY ARANHA: Não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não?

JANAINA: Saiu em uma notícia de jornal?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Notícia de jornal, sem identificação de que é um fato eu digo estranhamente, porque um jornalista, alguém que chega e fala, não, eu, tal telefonou para ela, como era seu nome não é? Ou punha iniciais não é?

GLAUCY ARANHA: Ou tem um fato, tem um fato falando dessas coisas assim, que eu acho, não tenho certeza, mas que na minha bolsa de escola, teria alguns objetos guardados deles, mas eu não sei se é verdade isso.

JANAINA: Mas onde, de onde você teve essa informação?

GLAUCY ARANHA: De, da, talvez da noite não é? Mas eu não, também não sei se é verdade, que na minha bolsa da escola, a gente tinha uma pastinha de levar para a escola. Que teria alguns objetos. De pessoais assim guardados nessa bolsa, mas isso também não sei se é fato porque essa bolsa continuou conosco muito tempo, eu não. porque foi.

JANAINA: Quem contou isso para vocês, que teria outras coisas a dentro?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:Onde que você viu?

GLAUCY ARANHA: Não vi, na verdade eu não vi, era muita coisa que agente ouvia, que escuta. Mas sabe como falar assim, o cofre sumiu, de fato, coisa assim, o cofre sumiu, as coisas, muita coisa sumiu. Muita, até objetos dela de lençóis, porque ela era muito organizada. Talvez tinha coisas guardadas que ainda não eram usadas, sumiu no dia, sabe esses burburinhos que a gente ouve falar? As pessoas amigas entraram e levaram muita coisa dela. Teve umas conversas assim também. Mas muitas falas perdidas assim que a gente ouvia. Tem pessoas que são muito apegadas a isso. A minha avó às vezes falava muito isso e ela nunca deixou a gente ter amiga, não podia ter amiga. Porque ela falava, sua mãe teve amiga e olha o que aconteceu com a sua mãe. Vocês não vão ter, vocês não podem, ninguém podia ter amiga. Então isso não existe ter amiga.

JANAINA: Mas ela relacionava as amizades da sua mãe com o fato dessas coisas terem sumido?

GLAUCY ARANHA: Não. Talvez do desfecho da vida dela.

JANAINA: Entendi.

GLAUCY ARANHA: Teve uma amiga, minha avó era muito, ah meu Jesus, como eu falo? Muito durona, muito, tudo errado, tudo era errado. Nós não podíamos depilar axila, não podia usar calcinha, na época, eu me lembro aqui em Belo Horizonte, lançou a tanga, Deus me livre de ter uma tanga. Tudo que gente tinha nesse sentido era você não presta, você é isso, você, se dormisse de dia, se desse um sono e quisesse cochilar durante o dia, está embuchada. Nem, sabe nem como que fazia filho, não sabe nem como vinha filho. Revistinha em quadrinhos para ler? Aqui a gente lia. Lá, Deus me livre, não podia, nada podia, nada podia. Então falei assim, meu Deus aconteceu alguma coisa, o quê que é que fugiu das mãos dela, talvez assim com a minha mãe. Com vocês, vocês vão...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Colocou vocês na linha?

GLAUCY ARANHA: Na linha, meu Jesus.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ô Glaucy, a fama dos Aranhas, a família materna era uma família de situação financeira muito boa, o seu avô era vice-prefeito, fazendeiro. Pelo lado do Flávio, também os Ferreira lá eram proprietários de padarias, mercearias não é?

GLAUCY ARANHA: Minha tia tinha padaria, mercearia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, eles tinham muita coisa. E vocês não é? Vindo de duas famílias com essa característica no interior na época era uma coisa muito próxima e ficam expostos a uma penúria provocada por esse fato. Como se tivessem sonegando vocês, vocês percebiam assim?

GLAUCY ARANHA: Demais. Ela morava na fazenda. Na fazenda a gente não ficava com fome não. Na fazenda não ficava com fome, tinha um ovo, a gente batia e fazia o ovo batido com farinha, açúcar, essa merenda da tarde. Tinha requeijão, o leite, muito leite. O almoço, era aquela coisa grosseira assim, mas comida a gente não passava fome não. Muitos pomares no quintal, muita laranja. Mas na cidade, eu chegava da escola, eu tinha que tomar água com açúcar todo dia, querendo matar a fome. Tinha que matar minha fome, água com açúcar, muito tempo eu tomei água com açúcar querendo matar a fome. Eu tinha muita vontade de comer carne. Muita vontade de comer carne.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Quem tomava conta de vocês na cidade?

GLAUCY ARANHA: Na cidade ela sempre ficava uma tia. Ela ia e ficava, a fazenda é muito perto, são 10 quilômetros. Ela ia.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Quem fazia comida para vocês?

GLAUCY ARANHA: Tinha uma, de vez em quando tinha uma pessoa, mas a gente que fazia o serviço. A minha tia mais velha, ela é viva ainda. Ela ficava na cozinha e a gente ficava na arrumação da casa. Arrumação da casa naquela época era ajoelhar e passa cera no taco grosso. Sem sinteco, era o escovão, era o bombril para arear, porque quando ela falava está ruim, vai ajoelhar e arear esse chão. Eu não posso usar essas historinhas de gata borralheira, porque a vida nossa era aquela ali. O chão pesado, grosso, pouco sabão. Pouco material, se vira para limpar. Então assim, na cidade era desse jeito.

JANAINA: Mas isso, você, via que isso era direcionado a vocês ou aos outros netos também?

GLAUCY ARANHA: Era só a gente que vivia nessa casa. Então assim.

JANAINA: Os outros netos viajavam?

GLAUCY ARANHA: Não. Visitava era passear, para nós era.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Como vocês eram quando?

GLAUCY ARANHA: Foi uma mão de obra que chegou em casa. Eu, hoje eu consigo enxergar assim, ah, mão de obra de graça que chegou aí. casa impecável, limpa, vasilha lavada sem custo nenhum. E o estudo nosso, estudava mas não era prioridade não. Não fui educada para estudar. Eu fui querer estudar, eu depois com 40, eu acho que eu entrei na faculdade com 40 anos.

JANAINA: Você chegou a terminar?

GLAUCY ARANHA: Terminei. Fiz concurso, sou professora, mas estudar não. Estudava mas em segundo plano. Primeiro você vai trabalhar, trabalhar, era muito trabalho. trabalho. Ferro à brasa? Ai se deixasse queimar. Soprar o ferro, soltar uma brasinha e cair na camisa? Nossa mãe. Mas assim, num ponto foi bom porque eu não tenho medo de nada, eu enfrento qualquer coisa de serviço, mas meu Deus do céu, não precisava ser assim não. De quem tocava o violão? Cadê o violão? Piano.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Estava alegre?

GLAUCY ARANHA: Vida cultural que a gente conhecia aqui? Nada. Nada. Se reclamasse, nada.